

UMA ANÁLISE SOBRE ALGUNS DOS PRINCIPAIS EQUÍVOCOS ACERCA DO CONSTRUTIVISMO

AN ANALYSIS OF SOME OF THE MAJOR MISCONCEPTIONS ABOUT CONSTRUCTIVISM

Pamela da Silva Carreira¹

Rafael dos Reis Ferreira²

RESUMO

Apresentaremos no presente artigo uma análise sobre alguns dos principais equívocos acerca da concepção construtivista, provenientes do senso comum e da concepção de alguns estudiosos. Destacamos as críticas e suas posições para então analisarmos seus argumentos, apontando onde se encontram, de acordo com nosso entendimento, os equívocos. Concluimos que o construtivismo é ainda muito mal compreendido tanto pelo senso comum quanto por alguns especialistas em educação. O presente artigo é baseado em pesquisa de natureza teórica, com leitura e análise de textos.

Palavras-chave: Jean Piaget; construtivismo; crítica; equívoco.

ABSTRACT

We present in this article an analysis of some of the major misconceptions about the constructivist design, from common sense and conception of some academics. We highlight the critical and their positions to then analyze their arguments, pointing out where are, according to our understanding, the misconceptions. We conclude that constructivism is still very misunderstood both

¹ Graduada em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: panscarreira@gamil.com

² Professor Doutor no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: leafareis@yahoo.com.br

by common sense and by some academics. The present article is based on research of theoretical nature, with reading and analysis of texts. The present article is based on research of theoretical nature, with reading and analysis of texts.

Keywords: Jean Piaget; constructivism; critical; misconception.

Introdução

De forma geral pode-se perceber que um grande número de pessoas atribui a problematização do ensino com o fato da concepção construtivista “liderar” o sistema educacional.

Entretanto, verifica-se que muitos dos profissionais envolvidos com os processos de ensino-aprendizagem não conseguem discernir alguns pontos do Construtivismo, bem como suas ações e como funciona.

O que impulsionou esta pesquisa foram as distintas posições apresentadas no primeiro ano de faculdade acerca de Jean Piaget e sua teoria. Logo, mediante minha identificação com a teoria construtivista, veio o anseio por compreender melhor as colocações que eram expostas em sala de aula, positivas ou negativas.

Percebendo demasiada empatia pelos postulados epistemológicos da teoria de Jean Piaget, houve a necessidade, de minha parte, de entender o porquê da teoria de Piaget gerar tantas opiniões e divergências. Logo, a cada informação e compreensão realizada, compreendia que o tão criticado “construtivismo” apresentava-se deturbado.

Com isso, foi possível perceber que cada vez mais se atribuíam falhas educacionais ao construtivismo não pelo de fato de que a teoria “não funciona”, mas sim, porque há decadência em diversos outros fatores, principalmente, infraestrutura e recursos humanos para sua implantação. Implantar o construtivismo implica toda uma reorganização do espaço escolar e uma formação profunda dos professores. Tendo isso em vista, analisaremos aqui a seguinte questão:

Quais são os principais equívocos das críticas à concepção construtivista?

Diante dessa problemática, é nosso objetivo apresentar e analisar alguns dos principais equívocos cometidos pelos críticos e profissionais da Educação, a saber: (i) o construtivismo não se baseia nas relações sociais; (ii) o construtivismo não estimula o senso crítico dos alunos; (iii) no construtivismo a criança busca sozinha os atrativos que despertam sua curiosidade em aprender. Analisaremos, a seguir, cada um destes pontos. A referida pesquisa deu-se por meio de leitura e análise de textos.

Mas, antes de analisarmos cada uma destes pontos, apresentaremos, na seção seguinte, definições de construtivismo que assumiremos como ponto de partida para nossa análise a partir do problema introduzido acima.

1. Definição de construtivismo

Encontramos, em nossa pesquisa, definições de construtivismo que são centrais para sua compreensão inicial. Apresentaremos, nesta seção, tais definições e explicaremos cada uma delas.

Fernando Becker apresenta, no seu livro “O que é o construtivismo?”, a seguinte definição de construtivismo:

Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento. (BECKER, 1994, p. 87)

Compreende-se, então, que o conhecimento não está pronto. O conhecimento vai sendo construído pelo indivíduo, de acordo com suas experiências e vivências. É a ação que determina o quanto se aprendeu. Embora o desenvolvimento aconteça de dentro para fora, a aprendizagem e o conhecimento não procedem assim, pois não é inato. As estruturas cognitivas do sujeito são construídas mediante a interação com o meio no qual estamos inseridos.

César Coll *et al.*, no livro “O construtivismo na sala de aula”, apresentam o construtivismo enfatizando o aspecto cultural no processo de interação da criança com o meio que a cerca:

A concepção construtivista da aprendizagem e do ensino parte do fato óbvio de que a escola torna acessíveis aos seus alunos aspectos da cultura que são fundamentais para seu desenvolvimento pessoal, e não só no âmbito cognitivo; a educação é motor para o desenvolvimento, considerado globalmente, e isso também supõe incluir as capacidades de equilíbrio pessoal, de inserção social, de relação interpessoal e motoras. Ela também parte de um consenso já bastante arraigado em relação ao caráter ativo da aprendizagem, o que leva a aceitar que essa é fruto de uma construção pessoal, mas na qual não intervém apenas o sujeito que aprende; os 'outros' significativos, os agentes culturais, são peças imprescindíveis para essa construção pessoal, para esse desenvolvimento ao qual aludimos. (COLL *et al.*, 1999, p. 19)

Entende-se assim que o construtivismo na escola busca proporcionar aos alunos o contato e/ou vivência de tudo aquilo que o cerca, a compreensão de fato, em especial da cultura. É preciso exercer uma reflexão da realidade na qual se está inserido.

Entretanto, deve-se ressaltar, também, que não há ainda maturação para realizar tal ação sem o processo como um todo, isto é, sem que o sujeito ou a criança se desenvolva de modo orgânico e pleno nos estágios que ela necessariamente passa no seu desenvolvimento. Somente assim a criança aprenderá de modo mais adequado as informações que recebe como aluno, construindo seu equilíbrio pessoal para prosseguir com novas curiosidades e seus entendimentos.

Iris Barbosa Goulart, no livro “Piaget – experiências básicas para utilização pelo professor”, relaciona o construtivismo com a ideia de dialética, conceito central em Filosofia:

O construtivismo piagetiano tem sido denominado construtivismo dialético. A ideia de dialética significa movimento, mudança; caracteriza-se geralmente pela enunciação de afirmação seguida de negação e depois por uma colocação nova, que resulta da conciliação das posições anteriores. No processo de construção ativa do conhecimento pela pessoa, o caráter dialético explica a relação sujeito-objeto, que, na perspectiva piagetiana, constitui uma relação de interdependência, na qual o sujeito constrói seu objeto e este, por sua vez, interfere na constituição do sujeito. (GOULART, 2005, p. 18)

A ideia de dialética refere-se ao movimento, como o conceito piagetiano de interação, de modo que há constantes trocas com o meio. O meio, que é externo ao sujeito, coloca ao sujeito situações problemas, servindo como uma negação ou

oposição, a partir das quais o sujeito, como um organismo, terá que se reorganizar e se adaptar para restabelecer seu equilíbrio.

Assim, a informação nova do meio, que obriga o organismo a se reorganizar, passa a fazer parte do conjunto de instruções que já possui, levando a criança novamente ao patamar de equilíbrio e, com isso, caímos nos estágios do desenvolvimento abordados e comprovados por Jean Piaget.

Piaget enquanto epistemólogo que foi, buscava compreender como nós, seres humanos, conhecemos. O mesmo baseou seu método por meio de testes empíricos, onde ele comprovava suas pesquisas. É importante ressaltar que Piaget, ao realizar seus estudos no plano epistemológico, deixa como herança para a Pedagogia a importância do papel ativo da criança no processo de ensino-aprendizagem. Em suas pesquisas, ele conclui que a aprendizagem se dá mediante a assimilação dos objetos que o cercam, isto é, no caso do ambiente escolar, dos conteúdos introduzidos nas escolas.

No construtivismo, como o próprio nome já diz, remete-se a ideia de construção. O construtivismo preocupa-se com a construção do conhecimento, isto é, com o processo que realizamos para construí-lo. Ele não é um método educacional, propriamente dito, mas sim um embasamento que gera a ação educacional, pois é uma teoria que procura explicar como o ser humano, pelo viés da criança, estrutura e conhece a realidade.

César Coll *et alii* dizem que “[...] a concepção construtivista não é um livro de receitas, mas um conjunto articulado de princípios em que é possível diagnosticar, julgar e tomar decisões fundamentais sobre o ensino.”. (COLL *et alii*, 1999, p.10). Para elaborar, traçar e aplicar metodologias de ensino com inspiração construtivista é preciso estudar e conhecer a teoria.

A partir dos estudos epistemológicos realizados por Piaget e colaboradores, surgem, posteriormente, diversos estudiosos que procuram trazer contribuições dessa teoria para o âmbito do processo ensino-aprendizagem. São alguns deles: Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Teresa Mauri, Iris Barbosa Goulart, Maria Auxiliadora Versiani Cunha, Moacir Gadotti e Lino de Macedo.

2. O equívoco de que o construtivismo não se baseia nas relações sociais

Uma das críticas mais comuns sobre o construtivismo é a de que ele não se baseia nas relações sociais ou que ele minimiza o papel da interação social.

Encontramos essa crítica nos meios de divulgação na mídia em geral e entre pesquisadores que criticam o construtivismo. Nos meios de divulgação na mídia encontramos comentários de que “Piaget acredita que a aprendizagem subordina-se ao desenvolvimento e tem pouco impacto sobre ele [o desenvolvimento]. Com isso, ele minimiza o papel da interação social”. (GONÇALVES, 2012, p. 1)

Ao afirmarem isso, as pessoas costumam opor Piaget à Vygotsky, dizendo, por exemplo, que “Piaget privilegia a maturação biológica; Vygotsky, o ambiente social” e que, nesse sentido, “Vygotsky, ao salientar o ambiente social em que a criança nasceu, reconhece que, em se variando esse ambiente, o desenvolvimento também variará. Nesse sentido, não se pode aceitar uma visão única, universal, de desenvolvimento humano”. (GONÇALVES, 2012, p.1)

Um dos maiores críticos do construtivismo no Brasil, Newton Duarte, diz, a partir de sua visão marxista, que na teoria piagetiana as relações sociais são mera agregação do indivíduo, dando-se pouca ênfase às trocas e relações. Isso quer dizer que, no seu entender, a teoria de Piaget não toca nos intercâmbios materiais profundos que há na sociedade, pois a teoria piagetiana foca mais na construção do indivíduo. Assim, no entender de Newton, ao focar no indivíduo, o construtivismo não explica a “efetiva interdependência material entre os homens”. Sobre isso, escreve:

Esse intercâmbio, entretanto, não deve ser pensado em termos de mera agregação – como está claramente presente na teoria piagetiana – mas de uma relação de efetiva interdependência material entre os homens, ou seja, entendendo-se que as condições de produção de vida do indivíduo não podem ser supridas por ele próprio, mas demandam o concurso de outros homens, isto é, da sociedade. (DUARTE, 2005, p. 75 - 76)

Entretanto, tal asserção apresenta-se “equivocada”, uma vez que o construtivismo defende a ideia de que este processo deriva-se de trocas do sujeito

com o meio. Sendo assim, destacamos alguns trechos de Piaget, considerado “o pai do construtivismo”:

A troca e comunicação entre indivíduos são a consequência mais evidente do aparecimento da linguagem. Sem dúvida, estas relações interindividuais existem em germe desde a segunda metade do primeiro ano, graças à imitação, cujos progressos estão em íntima conexão com o desenvolvimento. (PIAGET, 2002, p. 25)

Do ponto de vista das relações interindividuais, a criança, depois dos sete anos, torna-se capaz de cooperar, porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com o dos outros, dissociando-os mesmo para coordená-los. (PIAGET, 2002, p. 41)

As sociedades dos adolescentes, ao contrário, são, principalmente, sociedades de discussão: a dois, ou em pequenos cenáculos, o mundo é reconstruído em comum, sobretudo através de discursos sem fim, que combatem o mundo real. Às vezes, também, há uma crítica mútua das soluções, havendo, no entanto, acordo sobre a necessidade absoluta das reformas. Depois, aparecem as sociedades mais amplas, os movimentos de juventude, nos quais se desdobram os ensaios de reorganização positivos e os grandes entusiasmos coletivos. (PIAGET, 2002, p. 65)

Nesse sentido, a influência do meio que cerca o sujeito é importante. Além disso, o meio externo é fundamental para a construção da aprendizagem, de modo que, o meio social está diretamente ligado ao desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Sobre isso, diz Versiani Cunha: “Para Piaget o meio social é um dos fatores mais influentes no desenvolvimento intelectual e que a qualidade e a riqueza desse meio vão depender da qualidade das interações sociais que proporciona”. (CUNHA, 1973, p. 80). Ainda complementa Emanuel Adler:

Os construtivistas acreditam que a capacidade humana de reflexão ou aprendizado tem seu maior impacto no modo pelo qual os indivíduos e atores sociais dão sentido ao mundo material e enquadram cognitivamente o mundo que eles conhecem, vivenciam e compreendem. Assim, os entendimentos coletivos dão às pessoas razões pelas quais as coisas são como são e indicações de como elas devem usar suas habilidades materiais e seu poder. (ADLER, 1999, p. 6)

Jean Piaget discorre acerca da troca que a criança realiza com o meio e de como isso influencia seu comportamento, seus hábitos, e sua aprendizagem. Para a aprendizagem da criança é preciso proporcionar meios dela se descobrir. Para isso, o ambiente que cerca a criança é o fator que influenciará seu comportamento, pois é assim que ela aprende a falar, andar e comer, na sua relação com o ambiente e os

indivíduos que o preenchem, de forma que na medida em que se desenvolve é que se aprende.

Então, para que isto aconteça é primeiramente ocasionado um desequilíbrio em toda informação que indivíduo já possui, em seguida ele começa a adaptar tais conteúdos, logo o novo já se assimila com o que já havia em seu cérebro; sequencialmente tudo se acomoda em sua estrutura cognitiva, resultando assim em um novo equilíbrio. Sobre isso, diz Cunha:

Através de um processo de assimilações e acomodações cada vez mais equilibradas, o indivíduo constrói suas noções do mundo, sendo o mesmo processo utilizado quando reconstrói noções dadas na sociedade ou quando vai além destas noções na elaboração de teorias mais coerentes. (CUNHA, 1973, p. 26)

Piaget disserta sobre os fatores variantes e invariantes que influenciam na captação de noções; quanto aos variantes pode-se dizer que:

[...] são representados pelo conceito de *esquema* que constitui a unidade básica de pensamento e ação estrutural do modelo piagetiano, sendo um elemento que se transforma no processo de interação com o meio, visando à adaptação do indivíduo ao real que o circunda. Com isso, a teoria psicogenética deixa à mostra que a inteligência não é herdada, mas sim que ela é construída no processo interativo entre o homem e o meio ambiente (físico e social) em que ele estiver inserido. (TERRA, 2016, p. 1)

Observa-se assim que Piaget dedicou-se a explicar de forma clara que a cultura, ambiente e convívio social são fatores determinantes na formação dos seres humanos.

Outro ponto que gostaríamos de destacar, quando Newton Duarte critica a teoria piagetiana e, com isso, o construtivismo, é que ele parece não perceber que a teoria piagetiana não é uma teoria sociológica, mas uma teoria epistemológica.

Piaget, enquanto epistemólogo, investiga como o sujeito, no caso a criança, constrói seu conhecimento, isto é, como aumentam ou não os nossos conhecimentos. Sobre o problema central de sua teoria, diz Piaget: “[...] podemos limitar-nos, pelo método, ao problema ‘positivo’ seguinte: como aumentam os (e não o) conhecimentos?” (PIAGET, 2002, p. 32-33).

Já o recorte de análise de Duarte é um recorte marxista, isto é, um recorte sociológico. Marx estuda as relações sociais fundada no modo de produção

capitalista e a luta de classes decorrentes desse modo de produção. Portanto, sua ênfase é mais nas relações sociais. E este tipo de análise tem contribuído para a corrente teórica em pedagogia chamada por “Pedagogia Histórico-Crítica”.

Assim, o construtivismo se baseia em um estudo epistemológico e não sociológico. Entendemos que atribuir ao construtivismo propósitos sociológicos seria exigir dele o que ele não é e não se propõe.

A teoria marxista apresenta explicações mais profundas sobre o modo de produção capitalista e suas lutas de classes, por exemplo, pois é uma teoria sociológica sobre um determinado tempo histórico.

Entendemos, assim, que o construtivismo é uma boa teoria para explicar como o sujeito estrutura logicamente a realidade, como ele constrói a noção científica de tempo e espaço, a noção de causalidade, por exemplo; algo que a teoria marxista não dá conta, pois não se preocupou com isso.

3. O equívoco de que o construtivismo não estimula o senso crítico dos alunos

Esta afirmação nos parece ser uma consequência da crítica de que o construtivismo não se baseia nas relações sociais. Entende-se que se o construtivismo não se baseia nas relações sociais, então ele não conduz a uma visão crítica sobre o que ocorre na sociedade. Segue a crítica:

Quer dizer que, para Piaget, o desenvolvimento da inteligência do pensamento é algo que independe dos conteúdos culturais. O desenvolvimento do pensamento seria algo que dependeria da interação entre o indivíduo e o meio, entre o sujeito e o objeto do conhecimento; tanto que Piaget se preocupava, em suas pesquisas, com a forma do desenvolvimento do pensamento – Piaget nunca se preocupou com o conteúdo do pensamento.

(DUARTE, 2009, p. 1)

Em segundo lugar é que, dada a alienação da sociedade (a qual todos nós estamos sujeitos), o construtivismo se utiliza de processos de sedução para ganhar adeptos. Muitas vezes nós nos deixamos seduzir por concepções, por teorias que não produzem uma visão crítica, não conduzem a uma análise racional sobre o que ocorre na sociedade e na educação. Essas teorias seduzem porque estão impregnadas de ideias e imagens que estão presentes na ideologia dominante. (DUARTE, 2009, p. 1)

Segundo essa concepção, o construtivismo é uma ideologia que mecaniza a compreensão do ser humano ao dividi-lo em estágios, pois os estágios são gradativos e, por isso, não se deve omitir nenhuma parte. Mas, é necessário, segundo essa visão, compreender o processo como um todo, pois, caso contrário tornamo-nos escravos dos pedaços que supostamente entendemos.

O conhecimento das partes leva a submissão de classes. O construtivismo se constitui como uma ideologia, pois leva as pessoas a não compreenderem o todo, mas partes do ser humano, como uma máquina. Enquanto que a classe dominante compreende o todo, pois tem uma formação de qualidade, a classe dominada, compreende partes, pois tem uma formação mecanizada. Assim, a classe dominante se perpetua cada vez mais como conhecedores do todo, e sempre acima daqueles que só dispõem das partes. Novamente, esse é outro equívoco em relação ao construtivismo, pois, como dissemos, assume o construtivismo como uma teoria sociológica e não epistemológica, algo que ele não é.

Piaget, ao encontrar no sujeito estágios de desenvolvimento, não compartimenta o sujeito de modo “mecânico”. Cada estágio reflete uma estrutura cognitiva que depende das estruturas anteriores, de modo que Piaget entende que o sujeito é um todo orgânico. Sendo assim, o construtivismo não é uma ideologia ou não se pretende se constituir como tal, pois sua pretensão é compreender as estruturas do desenvolvimento cognitivo do ser humano e como ele produz conhecimento a partir disso.

Quando dizemos que o construtivismo não é uma ideologia, queremos dizer que ele não surge como uma ideia de uma classe que pretende dominar outra classe social. Mas, ele surge a partir de pesquisas empíricas em Biologia e Psicologia, envolvendo constatação científica.

Sobre a crítica de que o construtivismo não estimula o senso crítico, dizem Isabel Solé e César Cool: “A aprendizagem contribui para o desenvolvimento na medida em que aprender não é copiar ou reproduzir a realidade.” (SOLÉ, COLL, 1999, p. 19). Sobre isso, diz também Maria Auxiliadora Versiani Cunha:

A teoria de Jean Piaget fornece-nos abundantes indicações. Mostra-nos como se desenvolvem as estruturas do raciocínio lógico e o julgamento crítico e como a criança passa de um egocentrismo completo,

considerando-se o centro do universo, a um equilíbrio com o mundo exterior, alcançado através de gradual concentração. (CUNHA, 1973, p. 23)

Trata-se de que os alunos não apenas conheçam os propósitos que norteiam uma atividade, mas que o tornem seus, que participem do planejamento dessa atividade, de sua realização e de seus resultados de forma ativa, o que não supõe unicamente que façam, que atuem e que realizem; também exige que compreendam o que estão fazendo, que se responsabilizem por isso, que disponham de critérios para avaliar e modificar isso se for necessário. (SOLÉ, 1999, p, 51)

Piaget nos fala dos inúmeros fatores que influenciam no processo de crescimento da criança e de como vão se sucedendo os estágios de seu desenvolvimento, onde percebe-se que, na medida que a mesma vai se desenvolvendo, ela vai também recebendo as informações do ambiente externo e as internalizando, desenvolvendo a partir das interpretações que faz delas, sua própria aprendizagem. Portanto, a criança não é um sujeito passivo, mas um sujeito ativo no processo.

Uma vez que o construtivismo e seus autores se pautaram nos postulados de Piaget, a preocupação é também de promover, durante o processo de ensino, as condições ao processo, para que o indivíduo almeje suas conquistas e trabalhe por elas. Isso torna o sujeito uma pessoa autônoma, provida de saberes reflexivos e não informações que lhes foram impostas ou servidas a prontidão. Desse modo, seu pensamento cognitivo só poderá lhe promover a criticidade e um constante esclarecimento.

Assim, o construtivismo leva em consideração o sentido, ou seja, cada parte do processo de construção do conhecimento é primordial, pois somente assim o indivíduo compreenderá o conteúdo ao qual está exposto e mediante a isso é que ele vai explorá-lo e abstrairá o conhecimento para si. Isso o levará para sua jornada na busca da autonomia e do senso crítico.

4. O equívoco de que no construtivismo a criança busca sozinha os atrativos que despertem sua curiosidade em aprender

Segundo esta crítica ao construtivismo, todo o processo de ensino-aprendizagem é centrado na criança. Nesse sentido, o papel do professor é, supostamente, deixado de lado, de modo secundário. Seguem as críticas:

Ao colocar o sujeito como centro e, principalmente, ao vincular a aprendizagem à maturação biopsicológica, Piaget autoriza a inferência de que o processo de aprendizagem ocorre espontaneamente, isto é, independente da ação ou da 'provocação' de um outro sujeito. (ROSA, 1994, p. 49)

Outro ponto do aprender a aprender é que todas as atividades educacionais deveriam ser espontâneas e que partiriam sempre de necessidades e interesses espontâneos dos próprios alunos. Isso descaracteriza quase que inteiramente o trabalho do professor. (DUARTE, 2009, p. 2)

Segundo essa concepção e crítica, o construtivismo adentrou no âmbito escolar com uma nova proposta de ensino e aprendizagem em que, dentre as tantas inovações, encontra-se o aprender a aprender.

Ao colocar a criança como centro da aprendizagem o construtivismo tornaria inexpressivo o papel do professor, pois a criança precisa buscar sozinha os atrativos para encontrar o conhecimento. O professor passa apenas a atuar como um acompanhante deste processo. Essa crítica tornou-se um senso comum que circula, inclusive, em meios de divulgação de jornais: "Essa corrente nega a necessidade do ensino explícito por entender que a criança deve ser levada a aprender por si mesma, criando e testando hipóteses acerca da matemática, da ciência, e inclusive, da escrita.". (DIÁRIO DO NORDESTE, 2011, p. 1)

A consequência disso seria, no entender dessa crítica, um demasiado *déficit* quanto aos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.

Assim, é imprescindível que o professor esteja realmente integrado a proposta de ensino para então proporcionar a aprendizagem. O professor é de fato o sujeito condutor no processo de aprendizagem mais preparado para conduzir este processo. O aluno ainda não possui maturidade para conduzir tal atitude.

Essa crítica nos parece radical, pois no construtivismo, embora o aluno seja o centro do processo, pois é ele que estrutura o conhecimento, não é por isso que o papel do professor seja menosprezado. O papel do professor se desloca do centro para sujeito condutor no processo. O professor não apenas deve colocar, mas saber

colocar, situações problemas para que a criança possa aprender de modo mais eficiente, de acordo com o estágio do desenvolvimento que ela se encontra.

Para isso, o professor deverá compreender muito bem quais são as estruturas cognitivas da criança. Nesse sentido, segue a posição construtivista:

A sala de aula deve oferecer diversas atividades de complexidade diferente, que poderão ser realizadas simultaneamente pelas crianças, individualmente ou em grupo. Torna-se então a professora uma coordenadora das atividades em andamento, uma monitora disponível, de modo a assisti-las, quando necessário e estimulá-las com sugestões para o prosseguimento de suas investigações. (CUNHA, 1973, p. 46)

Trata-se de que os alunos não apenas conheçam os propósitos que norteiam uma atividade, mas que o tornem seus, que participem do planejamento dessa atividade, de sua realização e de seus resultados de forma ativa, o que não supõe unicamente que façam, que atuem e que realizem; também exige que compreendam o que estão fazendo, que se responsabilizem por isso, que disponham de critérios para avaliar e modificar isso se for necessário. (SOLÉ, 1999, p, 51)

A proposta é de que o aluno seja de fato o protagonista deste processo, mas não o único a agir. É preciso que o professor participe avidamente da construção de sua aprendizagem.

Sendo assim, no caso da aprendizagem dos erros ortográficos, por exemplo, o professor terá que identificar a origem dos erros ortográficos, analisar seu comportamento e habilidade, bem como incitá-lo a autonomia. Compreendendo suas estruturas cognitivas o professor criará condições propícias em forma de situações-problema para que o aluno resolva por si o exercício e aprenda a aprender. Assim, é essencial que haja preparo por parte da equipe escolar para que o aluno seja “despertado” ao conhecimento. Sobre a preparação dos professores, diz Piaget:

Restam-nos dois problemas de ordem geral a mencionar. O primeiro se relaciona com a preparação dos professores, o que constitui realmente a questão primordial de todas as reformas pedagógicas em perspectiva, pois, enquanto não for a mesma resolvida de forma satisfatória, será totalmente inútil organizar belos programas ou construir belas teorias a respeito do que deveria ser realizado. Ora, esse assunto apresenta dois aspectos. Em primeiro lugar existe o problema social da valorização ou da revalorização do corpo docente primário e secundário, a cujos serviços não é atribuído o devido valor pela opinião pública, donde o desinteresse e a penúria que se apoderaram dessas profissões e que constituem um dos maiores perigos

para o progresso, e mesmo para a sobrevivência de nossas civilizações docentes. A seguir, existe a formação intelectual e moral do corpo docente, problema muito difícil, pois quanto melhores são os métodos preconizados para o ensino mais penoso se torna ofício de professor, que pressupõe não só o nível de uma elite do ponto de vista dos conhecimentos do aluno e das matérias, como também uma verdadeira vocação para o exercício da profissão. (PIAGET, 2002, p, 25 – 26)

Compreendemos assim que a criança não passa a escolher sozinha tudo que aprenderá. A grade curricular pode potencialmente ser composta de conteúdos que sejam interessantes e relevantes para o aluno e quem realiza a escolha das atividades é o professor que deve ter uma formação para isso. Quanto a isso Antoni Zabala diz que:

Os materiais curriculares serão mais ou menos eficazes à medida que permitam diferentes graus de leitura ou utilização. Isso justifica que esses recursos sejam os mais diversificáveis possíveis, que ofereçam múltiplas possibilidades de utilização em função das necessidades de cada situação e momento. (ZABALA, 1999, p.192)

E Teresa Mauri também vem falar sobre o papel do professor: “O professor se torna um participante ativo do processo de construção de conhecimento, cujo centro não é a matéria, mas o aluno e a aluna que atuam sobre o conteúdo que devem aprender”. (MAURI, 1999, p.87).

Assim, a construção do conhecimento é completamente ativa e a finalidade é a apropriação seguida da compreensão do mesmo. Se a reflexão acerca do “saber” não promover a emancipação cognitiva do indivíduo, o que mais promoverá? Para que tudo se desenvolva da melhor maneira possível, é preciso que o professor conheça profundamente tanto seu aluno, quanto de material trabalhará, e também a melhor maneira para conduzir a docência.

Ainda assim, perpetuar de fato os valores do construtivismo é uma tarefa na qual é preciso estar disposto e comprometido para realizá-la com plenitude. Desta forma, faz-se necessário que educador e educando trabalhem juntos na caminhada do ensino e da aprendizagem, pois nem a criança age sozinha e nem o professor é secundário neste processo. É preciso atuar em comunhão para bons resultados, ainda que o aluno passe a exercer papel ativo e central no percurso. Logo, a melhor maneira de aprender é tornando-se o sujeito da própria aprendizagem.

Considerações Finais

Como já foi citado no decorrer do trabalho, Jean Piaget não teve como finalidade elaborar um manual para educadores. Seu trabalho, de natureza epistemológica, pautou-se nas estruturas da aquisição do conhecimento, valorizando a interação com ambiente.

Os pesquisadores posteriores ao epistemólogo como Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Fernando Becker, Teresa Mauri, Iris Barbosa Goulart, Maria Auxiliadora Versiani Cunha, Moacir Gadotti, Lino de Macedo, Isabel Solé, César Coll e tantos outros, se empenharam na função de relacionar a Epistemologia com a Pedagogia.

O intuito deste artigo não é propagar o construtivismo como única concepção teórica, mas se constituir como uma análise de esclarecimento quanto aos tantos equívocos que decorrem desta. Sabemos da existência de outras correntes teóricas e de muitos profissionais que atingiram sucesso mediante elas. Mas, independente da corrente teórica, entendemos que o importante é centrar-se no aluno e proporcionar o que há de melhor e de verdadeiro para ele.

No construtivismo o aluno é considerado como centro de sua aprendizagem e exerce função ativa neste processo, ao contrário do modelo tradicional, em que o aluno era nada menos que um depósito de informações. No construtivismo é preciso considerar a bagagem que o aluno já possui, é necessário atentar-se a sua realidade, assim como, a seus conhecimentos prévios.

Tanto escutamos falar que o construtivismo prejudicou o ensino, que, em certo ponto, muitos chegam a acreditar. No entanto, se esquecem dos diversos outros fatores que estão presentes nesta afirmação. Entendemos que antes de criticar a concepção construtivista é imprescindível compreendê-la.

Principalmente no âmbito escolar não se pode culpar uma má compreensão ou compreensão equivocada do construtivismo por todos os problemas do processo de ensino-aprendizagem, mas sim que o mesmo não veio a apresentar os resultados devidamente esperados pela falta de estrutura e preparo quanto a sua “implantação”.

O construtivismo quando exerce seu papel de concepção embasadora e não apenas metodológica, age por todo caminho de construção do conhecimento. Como

já foi citado, um referencial teórico não pode exercer uma mesma função sistematizada no sentido de uma receita de bolo. Mas, para que isso aconteça, é importante não deturbar este referencial, além de que tanto professor quanto aluno precisam ser ativos neste processo, pois acomodar-se e estagnar-se não é permitido; os estudos para melhor desempenho docente devem ser constantes.

Compreendemos que o construtivismo visa acima de tudo valorizar não apenas a aprendizagem e o ensino, mas também o caminho traçado para tal êxito. Aqui o meio é tão importante quanto o resultado final. Não é que o construtivismo desconsidere toda e qualquer proposta anterior, mas ele busca por meio de referenciais comprovados cientificamente, estruturar melhor este processo, considerando a criança, sua realidade, o meio ao qual se está inserido e qual a influência que estes fatores exercem durante este caminho.

Em suma, constatamos que a rede de ensino que estamos designados atualmente, está bem longe da real proposta do construtivismo, gerando assim ideias falsas, com posições equivocadas, embasada em uma compreensão que não se pode denominar construtivismo.

Referências

ADLER, Emanuel. **O construtivismo no estudo das relações internacionais**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n47/a11n47>>. Acesso em 29 de agosto de 2016.

BECKER, Fernando. **O que é construtivismo?** Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=011>. Acesso em 11 de setembro de 2016.

COLL, César; MAURI, Teresa; SOLÉ, Isabel; ZABALA, Antoni. **O construtivismo na sala de aula**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

CUNHA, Maria Auxiliadora Versiani. **Didática fundamentada na teoria de Piaget**. 1 e 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Rio, 1972 e 1973. 92p.

Diário do Nordeste. **Falha em método pode dificultar o aprendizado**. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/falha-em-metodo-pode-dificultar-o-aprendizado-1.633371>>. Acesso em 26 de setembro de 2016.

DUARTE, Newton. **Sobre o construtivismo**: contribuições a uma análise crítica. 2. Ed. Campinas: Autores Associados, 2005. 106p.

DUARTE, Newton. Entrevista com Newton Duarte. Folha do estudante. **A tragédia do construtivismo**: como uma pedagogia imposta pelo poder descaracterizou a escola no Brasil. Disponível em: <boletimef.org/biblioteca/3078/entrevista/A-tragedia-do-construtivismo.pdf>. Acesso em 04 de setembro de 2016.

GONÇALVES, Renata. **Piaget e Vygotsky** – diferenças e semelhanças. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/psicologia/piaget-vygotsky--diferencas-semelhancas.htm>>. Acesso em 04 de setembro de 2016.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget**: experiências básicas para utilização pelo professor. 21. Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Tradução de Ivette Braga. 16. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 80p.

ROSA, Sunny S. da, **Construtivismo e mudança**. 29. Ed. São Paulo: Editora Cortez, 1994. 86p.

TERRA, Marcia Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em 19 de setembro de 2016.

Recebido em 9/3/2017

Aprovado em 13/4/2017